



O CANTEIRO EXPERIMENTAL: 10 ANOS NA FAUUSP.

RONCONI, REGINALDO (APRESENTAÇÃO).
SÃO PAULO: FAUUSP, 2008. (COLETÂNEA)

ISBN: 978-85-88-126-73-2

Mônica Junqueira de Camargo

A CONSTRUÇÃO COMO UMA POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO E CRIAÇÃO

(1) BARDI, Lina Bo. Uma aula de arquitetura. In: *Lina por escrito. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi 1943-1991*, organizado por Silvana Rubino e Marina Grinover. São Paulo: CosacNaify, 2009.

O aniversário de dez anos de atividades do Canteiro Experimental, cuja experiência foi registrada em uma singela, porém, necessária e oportuna publicação, é digno de comemoração. Trata-se de uma proposta há muito acalentada no meio acadêmico da arquitetura, cuja primeira iniciativa na FAUUSP deve-se aos professores Antonio Domingos Battaglia, Elisabetta Romano e Érica Yoshioka quando implantaram o canteiro escola, ao qual Reginaldo Ronconi agregou a proposta do canteiro experimental, conseguindo inseri-lo na estrutura curricular da FAUUSP. É, sobretudo, uma experiência pedagógica transformadora, que permite a compreensão das complexas, porém profícuas, relações entre teoria e prática, entre desenho e canteiro, entre técnica e estética.

O canteiro proporciona o contato com a materialidade da arquitetura, tão cara ao fenômeno arquitetônico e nem sempre valorizada porque não-compreendida pelos meios acadêmicos e também por muitos profissionais. Cabe lembrar que há algumas experiências interessantes como as dos arquitetos Lina Bo Bardi, João Filgueiras Lima – Lelé, Joan Villà, Vitor Lotufo, João Marcos Lopes e toda a equipe da Assessoria Técnica Usina, mas que ainda constituem exceções no quadro da produção arquitetônica brasileira. Lina desenvolvia seus projetos nos canteiros, onde montava seu escritório com os engenheiros, os técnicos e os operários e sabia aproveitar o esforço coletivo e as dificuldades como desafios à criatividade. Segundo Lina: “a vivência de uma obra é muito maior e a colaboração entre todos esses profissionais é total. Isso acaba também com a dicotomia ridícula entre engenheiros e arquitetos, além de se poder verificar de perto as despesas, as negociações e as eventuais negociatas... (...) Os problemas são resolvidos na obra, às vezes com desenhos feitos à mão e no local, mas com todas as cotas.”¹

Lelé é o arquiteto que mais avançou nas relações entre desenho e construção. Criou um sistema produtivo a partir do qual criou sua arquitetura e

implantou a Fábrica de Equipamentos Comunitários (Faec), uma fábrica de cidades, cujo objetivo era, segundo ele: “*atuar em todos os níveis, com vários tipos de ação, não só intelectual. Quando se trata de um esgoto, da construção de um prédio, também se está fazendo cultura*”² enquanto Villà, João Marcos e Vitor compartilharam da mesma experiência acadêmica, da qual participou também Ronconi, que, apesar da vida curta, deixou lastro forte.

Para se entender a real dimensão da experiência didática a que se reporta essa publicação, é necessário romper-se com o arraigado preconceito que atribui ao canteiro apenas o lugar da execução das idéias e abrir-se para uma compreensão mais profunda do significado da construção para a arquitetura, restituindo-lhe um papel que durante séculos lhe foi atribuído, qual seja o da reflexão e criação da arquitetura. A construção expõe a essência do projeto e revela a consistência das idéias, como fez questão de evidenciar Rafael Moneo em seu discurso de posse como diretor da Harvard University Graduate School of Design: “*a arquitetura acontece quando nossas ideias sobre ela adquirem a condição real que apenas os materiais podem oferecer. É aceitando e cedendo às limitações e restrições, no ato da construção, que arquitetura se torna o que de fato ela é.*”³

O contato com os materiais e a disposição de enfrentá-los, desenvolvendo o processo criativo a partir deles, constitui uma experiência marcante para os estudantes, os quais poucas oportunidades têm para criar nessas condições. Os dez depoimentos de docentes e discentes que participaram dessa experiência, bem como a avaliação de pesquisadores e estudiosos do tema, registrados nessa edição, confirmam a importância dessa atividade na formação dos arquitetos.

Essa convivência com os materiais e a construção, tal como formulada por Ronconi, que se concretiza mediante o trabalho coletivo, evidenciando todas as instâncias e os agentes envolvidos em sua realização, resgata a importante dimensão social da profissão. Trata-se de uma prática inédita nos cursos de Arquitetura, pelo menos no Brasil. Houve muitas tentativas em diversas escolas, mas quase sempre abortadas, dadas as condições específicas que se exige para se cumprir seu real papel, qual seja, o de unificar o ato de conceber e executar. Como explicitou Ronconi em sua apresentação, o canteiro experimental é uma possibilidade institucional, com terreno obtido especificamente para esse fim, estrategicamente localizado, equipado com máquinas e ferramentas e com uma clara proposta pedagógica.

O registro dessa experiência é fundamental para suas idéias se propagarem e estimularem a troca de idéias, ajudando a consolidar o Canteiro Experimental como necessário à formação do arquiteto.

(2) LIMA, João Filgueiras. *O que é ser arquiteto: Memórias profissionais de Lelé (João Filgueiras Lima)*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 79.

(3) MONEO, Rafael. *Discurso de posse. Rafael Moneo 1986-1992. A&V Monografías de Arquitectura y Vivienda (AviSA)*, n. 36, july-august, 1992.

Mônica Junqueira de Camargo

Docente do Departamento de História e Estética do Projeto da FAUUSP, professora nos cursos de graduação e pós-graduação, nos quais é também orientadora. Desde 2008, é editora-chefe da revista *Pós*.

Revista Pós, CPG-FAUUSP
Rua Maranhão, 88. Higienópolis
01240-000 – São Paulo, SP
(11) 3091-4553; 3017.3164
junqueira.monica@usp.br